

Estrela da Manhã

António Gedeão

Enviado por:

Publicado em : 27/05/2011 18:00:00

Numa qualquer manhã, um qualquer ser,

vindo de qualquer pai,

acorda e vai.

Vai.

Como se cumprisse um dever.

Nas incógnitas mãos transporta os nossos gestos;

nas inquietas pupilas fermenta o nosso olhar.

E em seu impessoal desejo latejam todos os restos

de quantos desejos ficaram antes por desejar.

Abre os olhos e vai.

Vai descobrir as velas dos moinhos

e as rodas que os eixos movem,

o tear que tece o linho,

a espuma roxa dos vinhos,

incêncio na face jovem.

Cego, vê, de olhos abertos.

Sozinho, a multidão vai com ele.

Bagas de instintos despertos

ressuma-lhe à flor da pele.

Vai, belo monstro.

Arranca

as florestas com os teus dentes.

Imprime na areia branca

teus voluntariosos pés incandescentes.

Vai

Segue o teu meridiano, esse,

o que divide ao meio teus hemisférios cerebrais;

o plano de barro que nunca endurece,

onde a memória da espécie

grava os sonos imortais.

Vai

Lábios húmidos do amor da manhã,

polpas de cereja.

Desdobra-te e beija

em ti mesmo a carne sã.

Vai

À tua cega passagem
a convulsão da folhagem
diz aos ecos
«tem que ser».

O mar que rola e se agita,
toda a música infinita,
tudo grita
«tem que ser».

Cerra os dentes, alma aflita.
Tudo grita
«Tem que ser».